

O SER-PARA-OUTRO



Neste ponto, Sartre parte de um postulado fundamental de sua análise fenomeno-ontológica: “o Para-si remete ao Para-outro.” (SN, p. 291). Trata-se da minha própria realidade humana experimentada numa nova dimensão, diante duma testemunha capaz de compreender-me de maneira diferente.

Como Sartre afirma: “Mas este novo ser que aparece para o outro não reside *no* outro: eu sou responsável por ele...” (SN, p. 290). Para fundamentar esse pensamento, Sartre recorre ao sentimento de vergonha, que é uma percepção particular de *si mesmo*, porém *diante do outro*. Essas duas estruturas, o si-mesmo e o para-outro, são inseparáveis. Não se pode conceber e ter certeza de uma sem tê-la da outra. E nisso consiste precisamente o alargamento do Cogito cartesiano, para Sartre, agora referido à existência de um sujeito alheio que necessariamente deve existir, assim como eu existo.

A vergonha é uma experiência pré-reflexiva, pois a presença do outro à minha consciência é incompatível com a atitude reflexiva: no campo da minha reflexão só posso encontrar a consciência que é minha. Por isso, “o outro é mediador

indispensável entre mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim *tal como apareço ao outro.*” (SN, p. 290)

Contudo, o estudo de Sartre em *O Ser e o Nada* não é apenas fenomenológico. Quando ele descobre as implicações do ser-Para-outro, percebe também que “não podemos contentar-nos com as descrições esboçadas nos capítulos precedentes”, quer dizer, enquanto se referia à relação do homem com o Em-si. Agora se trata de estudar a relação da consciência com outra consciência, a relação entre consciências, portanto.

Mas agora “devemos responder a duas perguntas bem relevantes: primeiro, sobre a existência do outro; depois, sobre minha relação de *ser* com o ser do outro.” (SN, p. 291). Eis um assunto que vai além da fenomenologia e toca as praias da ontologia. Eis onde surge, em toda a sua crueza, o problema do solipsismo.